

Audição Musical nos Dispositivos Digitais Móveis¹

Natália Constantino DIOGO²
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

Resumo

O presente trabalho é parte da pesquisa de mestrado da autora e tem por objetivo contribuir para a discussão sobre como os dispositivos digitais móveis, como celulares, *tablets*, *iPods* e outros podem ter influenciado na complexificação da forma de ouvir música. Através de um aprofundado levantamento bibliográfico, pretende-se compreender a forma como a sociedade teve seus hábitos de audição musical culturalmente influenciados pelas novas formas de escuta. Analisaremos neste artigo como o ser humano se relaciona com a sonoridade, como se dá a criação de vínculos por meio das mídias e como ocorre a sincronização social nas mídias digitais levando em consideração os dispositivos móveis. Estes aspectos terão em vista uma breve discussão ao final sobre a metáfora sistêmica da Ecologia da Comunicação.

Palavras-chave

1. Comunicação, 2. Música, 3. Mídia móvel, 4. Cultura do Ouvir, 5. Ecologia da Comunicação.

Introdução

Independentemente da forma como são utilizados os dispositivos digitais móveis e *online* com fones de ouvido plugados, eles parecem presentes de forma massiva no cotidiano das grandes metrópoles e por isso chamaram nossa atenção. Este artigo visa contribuir para a discussão sobre como os dispositivos digitais móveis, como os *celulares*, *tablets*, *notebooks* e outros auxiliaram na complexificação da forma de escutar música.

Na última pesquisa divulgada pelo CETIC, com dados de 2012, eram 139, 8 milhões de usuários de telefonia móvel, sendo que destes, 99% utilizavam o celular para fazer ligações, 64% para enviar e receber SMS. Nos últimos anos o celular passou a ser utilizado para muitas outras funções, com o surgimento dos *smartphones*. A partir de 2010, o item “ouvir música” passou a fazer parte da pesquisa e teve um crescimento de 25% desde então. Em 2012, foram 47% dos usuários de celulares utilizando o aparelho para ouvir músicas. E 24% dos usuários naquele momento usavam a internet em seus celulares. Vale ressaltar que

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação na Contemporaneidade da Faculdade Cásper Líbero e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, email: naticdi@gmail.com.

hoje muitos aparelhos dispõem de aplicativos nos quais é possível baixar, compartilhar e mostrar aos amigos que músicas se estão ouvindo.

Dados da Associação Brasileira de Produtores de Discos (ABPD) divulgados em 2014 mostram que em 2013 o crescimento da venda de música digital foi de 22,39% com relação ao ano anterior.

Este texto aborda uma prática percebida pela autora pelas ruas de cidades metropolitanas, nas quais muitas pessoas de classe média e média alta principalmente passam o dia em carros e transporte público se locomovendo pela cidade ouvindo música.

Sabemos que o fenômeno não é hegemônico, pois há também shows (de micaretas e rodeios permeados por música sertaneja a concertos de rock ou música clássica), grupos que se reúnem para tocar ou ouvir músicas em festas, há caixas de som na parte de trás dos carros na frente dos bares em vários locais do país na máxima potência e até nos singelos e minúsculos *iPods*, há caixinhas a se acoplar para ouvir coletivamente, etc. Mas aqui estamos analisando a escuta relacionada ao aparato móvel digital com ou sem fones de ouvido, mas com características de individualização, utilizada pelas pessoas nas grandes cidades em trajetos longos em transportes públicos, carros e longas filas de espera.

Sonoridade

A relação do ser humano com a sonoridade é perceptível desde antes do nascimento. Ainda em desenvolvimento intrauterino é possível perceber frequências da voz materna, o ritmo das batidas do coração da mãe, do fluxo sanguíneo no cordão umbilical, a digestão e as vibrações do líquido amniótico. Wulf (2007, p. 57) explica que a resposta a estímulos sonoros acontece a partir dos quatro meses e meio de gestação, momento que, do ponto de vista anatômico, o nervo auditivo e a orelha estão completos. O autor completa dizendo que, além dos sons internos, o feto “percebe de longe as vozes de seu pai e de seus irmãos e irmãs, assim como os barulhos agradáveis e perturbadores que são mensagens do exterior dos quais ele reage” (Wulf, 2007, p. 57-58).

Heloísa Valente vai mais adiante e lembra que o feto tem também uma experiência musical.

Desde a vida intrauterina, o feto tem sua iniciação – ainda que rudimentar – em alguns elementos fundamentais dessa linguagem: certos ritmos, como batimentos cardíacos, frequência da voz que ressoam no líquido amniótico [...] Ainda no estágio fetal, a voz da mãe constrói a noção de intervalo musical e consequentemente de espaço (Valente, 1999, p. 101).

Segundo Wulf (2007, p. 59), ao nascer a criança se ancora e se vincula³ ao mundo por meio de “sonoridades, tonalidades e timbres recorrentes”, ou seja, o bebê reconhece sensações, sons e ruídos anteriores ao seu nascimento e responde a eles, criando uma intimidade com o meio. O autor prossegue salientando que “em particular, a aparição ritualizada de sons e vozes idênticas ajuda no ‘enraizamento’ da criança, que com a ajuda do ouvido ancora-se no mundo e ‘conecta-se’ com ele”. Além disso, como vimos na observação de H. Valente, a criança tem aí seu primeiro contato com elementos da musicalidade.

O ser humano tem na audição uma forma de escutar o outro, de entrar em contato com o mundo externo, de interagir. Este homem, que vive entre outros corpos, está sempre em uma relação de equilíbrio entre si e os demais e utiliza seus sentidos para tal. Segundo Wulf (2007, p. 58), o sentido do ouvido é o *sentido social*.

Nenhuma comunidade social se forma sem que os membros aprendam a se escutar. Crescemos em uma cultura com a ajuda da percepção dos barulhos, das sonoridades, das tonalidades e das palavras. Esses processos começam antes do nascimento, e se intensificam depois do nascimento e na primeira infância (Wulf, 2007, p. 58).

E há uma troca nesta audição. Ao ouvir, aprende-se algo sobre quem fala, por sua forma de falar, que inclui timbre, tonalidade, intensidade e articulação e ainda por sua postura corporal (Wulf, 2007, p. 58). Como Lilian Zarembo nos lembra, “as palavras pertencem metade a quem fala e metade a quem ouve” (Montaigne *apud* Zarembo, 2009, p. 12).

Justamente por estarmos sempre utilizando a audição para nos relacionarmos com o mundo, a música, enquanto parte da cultura de todos os povos, possui tamanha importância social e aparece como forma de relacionamento com o mundo circundante.

O homem gosta de produzir sons para se lembrar de que não está só. Desse ponto de vista, o silêncio total é a rejeição da personalidade humana. O homem teme a ausência de som do mesmo modo que teme a ausência de vida (...). O silêncio, para o homem ocidental, equivale à interrupção da comunicação (Schafer 2001, p. 354).

Conforme é possível notar atualmente, os aparelhos celulares estão ligados, com ou sem fones de ouvido, ouve-se música em todo o tempo em que se transita pelas grandes cidades, os rádios dos carros ligados, os *tablets* e *notebooks* armazenando e levando música para qualquer lugar, seja para o trabalho, para a sala de espera do consultório médico, academia etc. Fenômeno este, que, apesar de tão perceptível atualmente, não é novidade,

³ O termo “vincular” será explicado mais detalhadamente nas próximas páginas.

pois desde o surgimento dos *walkmans*, há algumas décadas, já é possível verificá-lo. Entretanto, o que diagnosticamos é que hoje há uma intensidade maior, seja por conta dos aparatos suportarem mais músicas, seja pelo fato dos aparelhos estarem aos poucos se popularizando, como também porque o acesso à música digital (tocada nos atuais *iPods*, celulares e *tablets*) está mais disseminado.

Quando temos os aparelhos celulares ligados todo o tempo, com uma quantidade grande de músicas, compreendemos que a questão musical, embora agora abrangendo um maior número de obras musicais num único aparato, sempre foi uma questão latente, sempre se ouviu e se produziu muita música na história humana. O que ocorre é que agora parece que temos acesso a tudo e o poder de conseguir consumir tudo o tempo todo. Inclusive nas horas de silêncio, tédio ou espera de um transporte público ou de um consultório médico, por exemplo.

Estes dispositivos digitais móveis permitem uma escuta musical individualizada, seja pelos seus fones de ouvido, seja pelas pastas personalizadas com as canções preferidas de seus proprietários, que podem ouvir os álbuns completos ou variadas faixas de forma aleatória. Afinal, o aparato móvel parece privilegiar uma escuta individual e até egoísta. No entanto, levamos em conta neste estudo os seguintes aspectos: a escuta é social, está presente na vida de todos os seres humanos desde o início de sua vida e nos ajuda a nos comunicar com os demais. Assim, podemos entender que a escuta no celular talvez não individualize tanto quanto parece, pois ao ouvir a música, todos estes aspectos estão presentes na escuta e crio com ela, portanto, um ambiente comunicacional e vinculador.

Vínculos

O homem tem uma necessidade intrínseca de estar com outros, de se vincular, de se comunicar, de estabelecer relações afetuosas.

Utilizamos aqui como base os estudos de Norval Baitello Jr. sobre o vínculo como criação de símbolos para construir um espaço vinculador e de Boris Cirulnik, que trata o vínculo como algo biológico. O tópico é construído também com contribuições de autores como Norbert Elias e Ernst Cassirer.

Os seres humanos são criaturas sociais, se sentem extremamente satisfeitos ao estar em contato com outros, ao criar vínculos, e muito deprimidos quando não conseguem

estabelecer laços, conforme Montagu (1969, p. 138), “Daí que sempre consideremos o homem como um ser social”.

Estes seres sociais têm tamanha necessidade do outro que procuram sempre o contato, nem que seja mínimo com o meio em que vivem, para estabelecer relações, pois sozinho, ele não parece completo. “As pessoas que ficam fora de um ‘círculo’ – que se sentem desamadas e que não têm família, amigos nem emprego que as ‘situem’ – são mais propícias a cometer suicídio, deprimir-se ou morrer de ‘causas naturais’” (Margulis, Sagan, 2002, p. 119). E continua mais a frente: “A interação face a face, o contato físico, os ensinamentos, a imitação, a nutrição na hora certa e muitos outros atos cotidianos geram saúde e desenvolvimento”, tamanho é o benefício de estar junto de alguém, de poder se manter em contato, como Cyrulnik (1995, p. 75) deixa bem claro: “é preciso, pois, pertencer. Não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém. Mas pertencer a uma cultura é tornar-se uma pessoa única”.

O sociólogo Norbert Elias (2001, p. 21) parte da mesma opinião e nos explica que “uma das mais básicas condições da existência humana é a presença simultânea de um número interrelacionado de pessoas”⁴.

Mas estes vínculos não são estabelecidos simplesmente por uma troca de poucas palavras ou olhares, representam algo profundo, realmente significativo para os seres humanos envolvidos. “Antes de conversarmos, é preciso nos aproximar; antes de trocarmos nossos mundos internos e contarmos nossas histórias, precisamos ver, saber a quem nos dirigimos, para escolher a parte de nosso mundo interno comunicável ao outro” (Cyrulnik, 1995, p. 23).

A cultura, conhecida como segunda realidade na Semiótica da Cultura (Bystřina, 1990, p. 5), está relacionada à criação de uma realidade que não a biológica – que é primeira e imediata, apreendida pelos órgãos dos sentidos – mas sim à que aparece no início do desenvolvimento da humanidade com o objetivo de superar as pressões da sobrevivência física e psíquica no mundo. Esta segunda realidade/cultura é composta por mitos, cantos, ritos, artes, utopias, ideologias e muito mais – um mundo de símbolos.

Assim que um recém-nascido é colocado, paulatinamente, em contato com a cultura, ele desenvolve vínculos por meio dela. Isto é, o indivíduo cresce em meio a uma cultura que o auxilia a manter e gerar vínculos.

⁴ Tradução nossa para o português. Texto original: One of the basic conditions of human existence is the simultaneous presence of a number of interrelated people

Aqui entramos em outro aspecto da geração de vínculos, abordado por Baitello (1997) que diz que vincular pode ser também ter ou criar *laços* ou *elos* simbólicos entre indivíduos.

Como Cyrulnik (1995) diz, pertencer a uma cultura nos torna únicos e pertencentes a um mundo. E o homem é um ser intrinsecamente cultural, como reforça Cassirer:

É o mesmo círculo férreo de necessidade que encerra tanto a nossa vida física como a cultural. Em seus sentimentos, suas inclinações, suas ideias, seus pensamentos e sua produção de obras de arte, o homem nunca rompe esse círculo mágico. Podemos considerar o homem como um animal de espécie superior que produz filosofias e poemas do mesmo modo que o bicho-da-seda produz seus casulos ou as abelhas constroem suas celas (Cassirer, 2005, p. 39).

Para o ser humano os vínculos biológicos que abordamos inicialmente e os vínculos por meio de el culturais e simbólicos são ambos necessários e complementares.

Pross (1980, p. 23) afirma que “a faculdade designadora, natural ao homem, sua capacidade de dar signos e recebê-los, e colocar em prática reflexivamente essa capacidade, o distancia da simples natureza”⁵. O que estes dois autores dizem é que a cultura é uma segunda realidade criada pelo homem porque este necessitava dela para se expressar, diferentemente de outros animais, ele a criou de tal forma que só consegue viver dentro dela. Só consegue ver o mundo através dela.

O homem, portanto, não conseguiria manter vínculos sem a cultura, sem os símbolos. Pela interposição deste meio artificial, que chamamos de universo simbólico, que o homem enxerga o mundo, o compreende e interage com os demais.

Manutenção de vínculos

O homem precisa não somente *estabelecer* vínculos, mas *mantê-los*. “Os vínculos somente são mantidos quando regularmente alimentados, seja pela repetição, seja pela inovação informacional” (Baitello, 1997, p. 100).

Ou seja, os vínculos são mantidos através da troca de informações. “É a troca de informações que cria aquilo que chamamos de comunicação” (Baitello, 1997, p. 91). E essa troca de informações ocorre pelos *rituais de vínculos*. Quando ouvimos um rádio, ou todos os dias ligamos nosso aparelho de *MP3* ou *smartphone* nas músicas que gostamos, estamos realizando um ritual de vínculo através da mídia. Reiterando que estamos fazendo a mesma

⁵ Tradução nossa para o português. Texto original: La facultad designadora, natural al hombre, su capacidad de dar signos y recibirlos y poner en práctica reflexivamente esa capacidad le distancia de la mera naturaleza.

coisa que fazemos todos os dias, mantendo assim a vinculação com aquela música que está sendo tocada.

“A repetição de um elemento dentro de uma constelação simbólica engendra o ritual. O simples ato de conectar o aparelho, acionando o rádio quantas vezes quiser, aumenta o esforço do receptor e fomenta sua participação” (Nunes, 1993, p. 32), ou seja, o ritual acontece por meio destes ritos de calendário que permeiam nossas vidas, tanto no trabalho, como no lazer. Dos quais somos impelidos a participar justamente para diminuir as incertezas.

Acreditamos que há indícios de uma vinculação que diminua campos de tensão e crie um ambiente vinculador mais ameno e aconchegante no ato de ouvir músicas nos aparatos eletrônicos, pois quando eu ouço a música, é possível que eu esteja me vinculando não somente a quem a fez, mas àquela sonoridade que toca minha pele e, conseqüentemente, o indivíduo que sou. Esse som ritualizado parece gerar uma participação, uma vinculação pelas mídias.

Embora a escuta de músicas no celular pareça algo mais livre, que não demonstra uma sincronização social ou uma vinculação com pares sociais, o que acreditamos é que apesar de não ser algo sugerido pela grande mídia, é algo que a pessoa tende a repetir diária ou semanalmente, em horários iguais com o mesmo formato, pois o indivíduo possui outros compromissos culturais (trabalho, estudo, esportes) que mantêm seus horários sempre iguais, assim, a mídia terciária, aqui exemplificada pelo celular e também pelos programas de rádio, ou mesmo de TV e etc., sempre mantêm o indivíduo vinculado e sincronizado seja com o aparato, seja com seus pares na sociedade por meio destes rituais de reiteração de vínculos por meio da informação. Há aqui uma relação entre a escuta individualizada dos fones de ouvido, do som fechado no carro e o estar conectado com seus pares por meio da escuta musical, pois, ter a música no celular, escutá-la, participar dos próximos lançamentos e shows da banda, parece criar uma relação do indivíduo que está escutando a música sozinho e de forma autista em seu aparelho e que, ao mesmo tempo, permanece ligado aos pares com quem comentará, discutirá e mostrará seus gostos musicais. Seja por meio das mídias terciárias, compartilhando uma música na *web*, seja pela secundária, vestindo uma camisa da banda, seja pela primária, fazendo gestos ou gritos que lembrem aquela música ou grupo musical.

Ritmos e a complexificação do tempo

Outro aspecto que permeia a escuta musical é a demarcação do tempo como criador dos ritmos sociais. Parte da cultura ordenadora da sociedade é o tempo. O homem – que possui essa necessidade de ordenar e criar ritmos, sincronizar suas atividades, para se manter vinculado a outros indivíduos – realiza parte dessa sincronização por meio dos rituais de delimitação de tempo. Estes rituais compreendem desde ver um programa de TV até ouvir o badalar de um sino e ir para a igreja, como acontecia em períodos anteriores, porém recentes, de nossa história.

O tempo tende a possuir um poder coercitivo, que faz com que ele pareça inclusive algo independente do ser humano e não algo criado culturalmente para a sincronização social. O sociólogo alemão Norbert Elias nos explica que “a humanidade percorreu um longo caminho para que os homens ficassem em condições e sentissem necessidade de criar símbolos puramente relacionais” (Elias, 1998, p.107). Como é o caso das horas ou do calendário que são uma segunda sucessão de acontecimentos sequenciais e regulares que servem para que o ser humano consiga medir a primeira sucessão de acontecimentos, que é sua própria vida.

As sociedades mais desenvolvidas não somente têm este alto poder de abstração e síntese temporal, como também necessitam realmente medir o tempo cada vez de forma mais acurada para desenvolver suas atividades, quanto mais a tecnologia se desenvolveu, o que nos parece é que mais foi necessária a medição temporal para manter a sociedade sincronizada.

A sociedade moderna passou a considerar o tempo como parte de seu cotidiano de forma tão intrínseca, que não parece ser possível manter-se alheio ele, conforme nos confirma Elias (1998, p. 109): “É frequente os membros das nações industrializadas sentirem uma necessidade quase irresistível de saber que horas são, pelo menos aproximadamente”. Cortázar tem uma forma bem peculiar de confirmar esta afirmação: “quando dão a você um relógio estão dando um pequeno inferno enfeitado (...) dão a você um pedaço frágil e precário de você mesmo, algo que lhe pertence, mas não é seu corpo, que deve ser atado a seu corpo com sua correia como um bracinho desesperado pendurado a seu pulso” (Cortazar, 2009, p. 16).

Essa aparente ditadura do relógio não parece ser culpa realmente do objeto denominado relógio, mas de uma necessidade do ser humano de sempre manter-se em contato, vinculado, com outros seres humanos.

Esse vínculo acontece por meio dos símbolos que se afirmam constantemente como mantenedores do tempo presente. Este processo “de criar, transmitir e manter o passado no presente é cultura [...] as plantas vinculam substâncias químicas, os animais vinculam o espaço, mas só o homem é capaz de vincular o tempo” (Montagu, 1969, p. 131).

O ser humano parece sempre tentar trazer o passado para o presente, criar o que Norval Baitello (2000) chama de *eterno presente*. E isso parece ocorrer através das mídias.

Tanto calendários, relógios, como o rádio ou a televisão, são formas de sincronização social e de manutenção do tempo presente por meio de rituais reiteradores do tempo. Como nos diz Baitello Jr.:

Abrir um jornal ou apenas percorrer os olhos rapidamente sobre suas manchetes principais, sentar-se no carro e ouvir os jornais matutinos constituem alguns dos rituais mais resistentes deste século. Transformam-se os suportes, mudam os canais, as formas e horários, mas esta comunhão simbólica com o tempo permanece inalterada (Baitello, 1999, p. 104).

Na medida em que aumentamos nosso poder de síntese e abstração criamos esta comunhão simbólica com o tempo, há muitos séculos. O ser humano começa a ter a necessidade de medir, de forma menos precisa que atualmente, mas já de maneira importante, a passagem de tempo pela lua, sol e estações do ano. Vamos criando novos aparatos técnicos para manter a sincronização de atividades, como o relógio de água, que mantinha uma medição sempre linear e mais exata que uma ampulheta, por exemplo, denotando essa necessidade de precisão. Ou depois, com os relógios como os conhecemos hoje, na torre das igrejas e depois nas estações de trem, até o momento em que se tornam um objeto que uma boa parte dos indivíduos carrega consigo. Momento este que a necessidade de sincronização e de vinculação com outros seres humanos torna-se muito visível. Aqui ela passa a acontecer não somente por meio de relógios, como pela mídia de massa, com seus programas, que criam um ritual ao qual se respeita, vendo ou ouvindo sempre no horário que a mídia estabelece o noticiário preferido ou, a partir da mídia digital, em que o tempo tende a permear de forma intensa as atividades cotidianas.

Há indícios de um aquecimento dos ritmos pelas mídias terciárias⁶. O ser humano parece estar incessantemente conectado a um rádio ou a muitos arquivos de música

⁶ Mídia terciária é uma noção utilizada por Harry Pross, que distingue mídia primária como a comunicação do corpo, mídia secundária sendo algo que inserimos ao corpo para comunicar (uma roupa, corte de cabelo, etc.)

em sua mídia móvel, mesmo quando este homem se encontra em movimento, ele tenta manter essa busca pela informação de forma incessante, para, dessa forma, suprir suas necessidades de criação de vínculos e manter-se no eterno presente.

Notamos que o fato dos equipamentos serem mais ágeis e haver uma crescente facilidade de acesso à internet banda larga móvel e do acesso a celulares mais potentes parecem incentivar o fenômeno *always on*.

Entretanto esta facilidade de permanecer online a todo custo tende a trazer alguns novos aspectos para o cotidiano. Parece que hoje os indivíduos não estipulam um tempo demarcado para as atividades, tudo pode ocorrer a qualquer momento. Por vezes, na hora de trabalho ou dos estudos ouvimos músicas nos fones de ouvido e indicamos aos amigos um vídeo clipe pelas redes sociais. As atividades de trabalho, lazer e estudos parecem ter se misturado.

Justamente por conta desse caráter incessante e misturado das atividades do cotidiano, alteram-se os ritmos sociais. Passamos de uma sincronização do grupo, de um ritmo social, seja local (como no momento dos sinos de igrejas) ou global (como na invenção dos relógios de precisão) para um momento em que cada pessoa parece poder fazer o seu próprio ritmo de vida, de trabalho, de lazer.

O ritmo que seguimos agora de sincronização tende a ser, apesar de social, mais voltado a cada indivíduo. Há aqui sim uma tensão, um paradoxo no qual conseguimos enxergar uma sincronia temporal ainda na escuta musical, pois há shows, festivais de música e programação de rádios permeando o dia a dia e ao mesmo tempo há uma assincronia na escuta musical, pois eu posso pegar meu celular a qualquer momento e colocar as melhores músicas de acordo com meu gosto ou mesmo baixar programas de rádio ou show para ver na tela do dispositivo móvel. Os aparatos móveis possuem como característica serem extremamente personalizados, suas músicas, seu tempo de escuta, suas vontades. No entanto, temos compromissos sociais que são algo coletivo. Trabalhamos, estudamos, comemos em um ritmo sincronizado em sua maior parte com outros membros da sociedade, mas escutamos nossa música a hora que desejarmos, seja num tempo coletivo (show) ou num tempo assincronizado (celular).

Há indícios de ter havido um complexificação, portanto, na forma de escuta musical, agora mais individualizada pelo aparato, mas ainda mantendo características anteriores de grupo.

e mídia terciária como um conjunto de aparatos necessário a quem emite a mensagem e a quem recebe para poder comunicar.

Apesar de ser um fenômeno diferente também da sincronização do rádio ou da televisão, que sincronizava vários indivíduos numa mesma sociedade em torno de programas durante todos os momentos do dia, ainda temos o rádio e a televisão presentes em nossas casas, ainda temos o trabalho, o estudo, o final de semana, e todos eles nos auxiliam numa sincronização, mesmo que com uma relativa interferência dos aparatos tecnológicos digitais móveis.

Levando em conta os fatores acima listados, notamos que a questão da sincronização e da assincronia social por meio dos novos dispositivos digitais móveis parece fazer parte de um amplo processo de complexificação social.

Considerações para uma Ecologia da Comunicação

Consideramos que, apesar dessa sempre presente tensão entre aspectos negativos e positivos dos aparatos digitais, o importante, não é realizar um juízo de valor a respeito de um fenômeno social ainda em estágio inicial. Decidir se estas tecnologias devem ou não prosseguir como parte de nosso dia a dia, pode não ser uma opção, afinal, elas estão inseridas em nosso cotidiano e são inclusive necessárias para o trabalho e lazer diários. O que podemos sim é aprender a desenvolver uma ecologia da comunicação.

Conforme Menezes (2012, p. 453) coloca “talvez neste ambiente possamos falar de uma ecologia da comunicação que se ‘esparrama’ pelas porosidades entre corpos e equipamentos”, o que nos lembra a metáfora das capilaridades da comunicação⁷ de Norval Baitello Jr. (2010, p. 103-113): trabalhando como raízes ou vasos capilares que se vascularizam, a comunicação, seja ela presencial, seja por meio de uma imagem, de um livro ou através de um dispositivo digital, ela se esparrama, se dilui e se vasculariza pelas atividades cotidianas, saltamos de uma a outra todo o tempo. Um bom exemplo é a música, que entra pelos ouvidos a partir do dispositivo móvel digital, esta mesma música reverbera em nós e toca nosso corpo com toda sua tridimensionalidade, reverberando em nós verdadeiramente. Ou seja, o que parece mais importante é perceber que é possível uma forma de convivência entre seres humanos e equipamentos digitais de forma integrada. Se faz necessário verificar estas situações cotidianas de forma atenta através das pesquisas em comunicação, para que assim possamos buscar uma forma de fazer a comunicação fluir por

⁷ São elas a capilaridade da comunicação presencial, a capilaridade alfabética, a capilaridade elétrica e a capilaridade eólica (dos ventos que entram pelas janelas digitais).

meio tanto da comunicação primária, corpo a corpo, quando por uma comunicação permeada por aparatos tecnológicos digitais.

REFERÊNCIAS

BYSTRINA, Ivan. **Semiótica da Cultura** - alguns conceitos semióticos e suas fontes. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/pt/biblioteca/finish/21-bystrina-ivan/65-alguns-conceitos-semioticos-e-suas-fontes.html>>. Acesso em: 2 abr. 2013.

BAITELLO Jr., Norval. “A Cultura do Ouvir”. In: ZAREMBA, Lílian; BENTES, Ivana. (Orgs.). **Rádio Nova - Constelações da radiofonia contemporânea 2**. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO. Publique, 1997. 65 p.

_____. **O animal que parou os relógios** – Ensaios sobre comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 1999.

_____. As capilaridades da comunicação. In: BAITELLO, N. **A serpente, a maçã e o holograma**. Esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus, 2010. p. 103-113.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: uma introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CETIC. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil**. Disponível em: <http://www.cetic.br/usuarios/tic/2012/apresentacao-tic-domicilios-2012.pdf>. Acesso em: abr. 2014.

CORTÁZAR, Júlio. **Histórias de cronópios e de famas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CYRULNIK, Boris. **Os Alimentos do Afeto**. São Paulo: Ática, 1995.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **The Society of Individuals**. New York, London: Continuum, 2001. 247 p.

ESTADÃO. **Mercado de música digital cresceu 22,39% em 2013 em relação a 2012**. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,mercado-de-musica-digital-cresceu-22-39-em-2013-em-relacao-a-2012,1142576>. Acesso em jun. 2014.

MONTAGU, Ashley. **Introdução à Antropologia**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

MANGULIS, Lym; SAGAN, Dorion. **O que é sexo?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

MENEZES, José Eugenio de O. Vínculos Sonoros e Ecologia da Comunicação. In: BORNHAUSEN, D.A.; MIKLOS, J.; SILVA, M.R. (Orgs.). **CISC 20 anos: comunicação, cultura e mídia**. São José do Rio Preto, SP: Bluecom Editora, 2012. p. 445 - 458. Disponível em: <www.cisc.org.br>. Acesso em: 10 jul. 2014.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica**. São Paulo: Annablume, 1993. 154 p.

PROSS, Harry. **Estrutura Simbólica Del Poder**. Teoria Prática de La comunicaci3n p3blica. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1980.

SCHAFER, R. Murray. **A afinac3o do mundo: uma explorac3o pioneira pela hist3ria passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente : a paisagem sonora**. São Paulo: Unesp, 2001. 381 p.

VALENTE, Heloisa de Ara3jo Duarte. **Os Cantos da Voz: Entre o Ruído e o Sil3ncio**. São Paulo: Annablume, 1999. 230 p.

WULF, Christoph. O Ouvido. **Ghrebh- Revista de Comunica3o, Cultura e Teoria da M3dia**, São Paulo, 2007, n. 9, p. 56-67, mar.2007. Disponível em: <<http://revista.cisc.org.br/ghrebh/index.php?journal=ghrebh&page=article&op=view&path%5B%5D=166&path%5B%5D=177>> . Acesso em: 12 jul. 2014.

ZAREMBA, Lilian (Org.). **Entreouvidos: sobre r3dio e arte**. Rio de Janeiro: Soarmec: Oi Futuro, 2009.